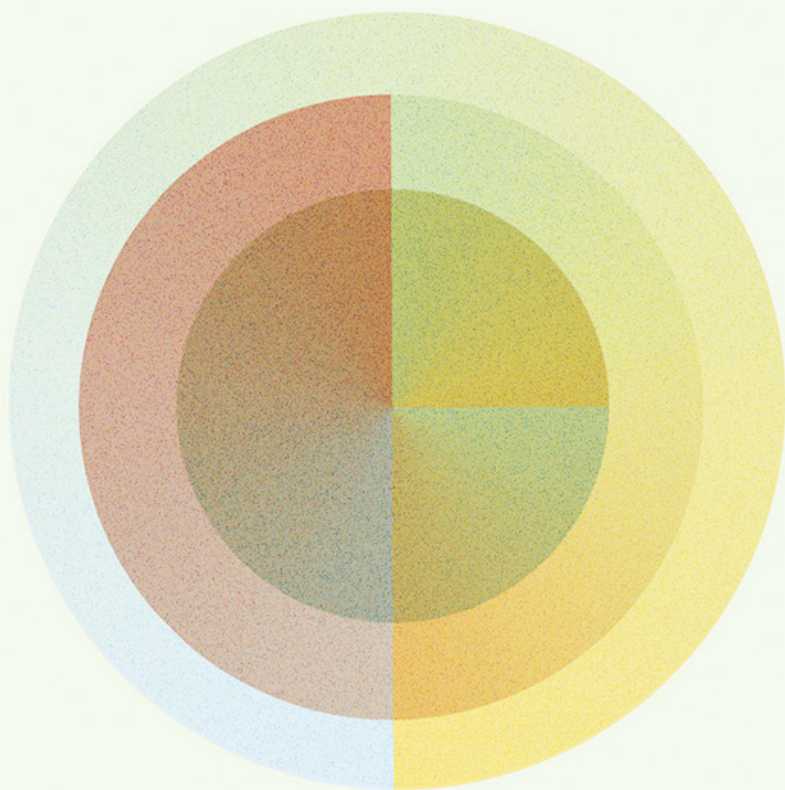


Samuel D. James



Liturgias digitais

Redescobrimo a sabedoria
cristã em uma era online

“Esse livro, acessível, mas penetrante, mostra como a cultura secular de nossa modernidade tardia fornece liturgias, ou seja, práticas que moldam a alma e narrativas que nos condicionam a nos afastar de Deus em direção ao ‘eu’ soberano, da natureza criada por Deus para uma realidade autocriada e do viver pela verdade e pelo amor para vivermos pelo poder. Se você não conseguir enxergá-las, não conseguirá resisti-las, e o autor fornece fontes para ambas as coisas. Samuel James escreveu um livro essencial. O autor pertence a um grupo pequeno, mas crescente, de jovens pensadores a quem a igreja deve ouvir caso ela queira aprender como ser eficaz no evangelismo e no ensino em um mundo pós-cristão”.

Tim Keller, foi pastor fundador da Redeemer Presbyterian Church, em Nova York; cofundador, Redeemer City to City; autor de diversos livros publicados por Vida Nova, entre eles *Fé na era do ceticismo*, *Ego transformado* e *Deuses falsos*.

“Esse é um livro sábio e perspicaz. Sua força está na forma como expõe verdades não apenas sobre o mundo digital, mas sobre nós: as coisas que queremos, a maneira que tentamos encontrá-las, como a internet as transforma em armas de maneiras que talvez não tenhamos percebido e o que podemos fazer a respeito disso tudo. Penetrante sem ser alarmante e positivo sem ser ingênuo. *Liturgias digitais* é o guia de que precisamos”.

Andrew Wilson, pastor de ensino, King’s Church London.

“*Liturgias digitais* é um livro que lança um desafio e um chamado. Samuel James desafia a nossa perspectiva ao nos revelar que os efeitos da tecnologia não são neutros e que nossos hábitos digitais nos conduzem em direção a um mundo digital que faz a sabedoria de Deus parecer tolice. Mas James também nos chama para um caminho melhor, reorientando-nos em direção a uma maior compreensão e sabedoria e a práticas de resistência necessárias para uma vida fiel e frutífera. Um livro acessível e repleto de insights profundos”.

Trevin Wax, vice-presidente da Research and Resource Development, The North American Mission Board; autor de *The thrill of orthodoxy*, *Rethink Your Self* e *This is our time*.

“Praticamente todas as pessoas que conheço se sentem exaustas ou esca-
vizadas por algum aspecto da vida digital. Neste livro, uma das mentes
cristãs mais brilhantes nos ajuda a descobrir exatamente o que esta-
mos procurando em nossas telas. *Liturgias digitais* indica um caminho
para além da revolta, da ira, da vergonha e do tédio que acidentalmente
baixamos, como um download, em nossas almas”.

Russell Moore, editor-chefe, *Christianity Today*.

“Após os primeiros capítulos, decidi que meus adolescentes deveriam ler
este livro, e digo que talvez todos os alunos da escola que frequentam
também o deveriam ler. Há muitos insights sociológicos. Alguns capítulos
depois, decidi que toda a minha igreja deveria lê-lo. Há muitos discer-
nimento pastoral e espiritual. Ao final do livro, no entanto, percebi que eu
mesmo precisava deste livro. Ele aplica o evangelho a mim e a meus hábi-
tos online, e eu preciso de hábitos mais nobres. Isso significa, amigo, que
estou muito certo de que você também precisa deste livro. Ele desvenda as
águas digitais na qual estamos todos nadando e como essa água tem nos
reprogramado, mais do que percebemos”.

Jonathan Leeman, diretor editorial, 9Marcas; presbítero da
Cheverly Baptist Church, em Hyattsville, Maryland; autor de
As chaves do reino, A igreja centrada na Palavra,
Membresia na igreja e Disciplina na igreja (Vida Nova).

“Cristãos contemporâneos estão tão condicionados a pensar sobre o *que*
(conteúdo) e não consideram o suficiente o *como* (forma). *Liturgias digi-
tais* — de maneira sábia, clara e convincente — ajuda-nos a considerar as
maneiras pelas quais somos moldados pelo mundo digital em que vive-
mos. Samuel James não apenas apresenta alguns dos mais importantes
pensadores sobre essa que é a marca mais característica de nossa época,
mas também oferece suas próprias perspectivas inéditas”.

Karen Swallow Prior, autora de, *The evangelical imagination:
how stories, images, and metaphors created a culture in crisis*.

“O homem secular está tentando suplantar o Criador divino por outro que é falso: o todo-poderoso algoritmo. Como argumenta Samuel James, nós utilizamos ferramentas digitais acreditando que, por meio delas, poderemos fazer com que o mundo se amolde à nossa imagem. Com nossa passividade imprudente, as ferramentas digitais acabam nos conformando à imagem projetada pelo Vale do Silício, isto é, uma imagem alienada, fragmentada, compulsiva e irada. Não conheço nenhum pensador evangélico que tenha pensado de maneira tão crucial, cuidadosa e de forma autocrítica sobre a ferramenta da vida digital em nossa espiritualidade, psicologia e corpos do que Samuel James. De um dos mais talentosos escritores de sua geração de pensadores evangélicos, *Liturgias digitais* é um dos livros mais inteligentes que já li de uma das mais brilhantes luzes do evangelicalismo”.

Andrew T. Walker, professor associado de ética cristã, The Southern Baptist Theological Seminary; Fellow, The Ethics and Public Policy Center; autor de *Deus e o debate sobre transgêneros* (Vida Nova).

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	13
Introdução: o que a web significa para nossa vida espiritual	15
Parte 1: Verdade e tecnologia	31
1. Sabedoria corpórea encarnada em uma era sem face.....	35
2. Como a tecnologia nos molda	53
3. Afogando-se no raso	71
Parte 2: Lidando com as liturgias digitais	89
4. “Minha história, minha verdade”	95
Liturgia digital #1: Autenticidade	
5. A abolição do pensamento.....	119
Liturgia digital #2: Revolta	
6. Que vergonha!.....	143
Liturgia digital #3: Vergonha	
7. Nu na escuridão	161
Liturgia digital #4: Consumo	
8. Morte por minúcias.....	183
Liturgia digital #5: Falta de sentido	
Conclusão: hábitos de sabedoria e resistência.....	203
Questões para estudo.....	221
<i>Índice remissivo</i>	227
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	235

Agradecimentos

Este livro só existe graças um conjunto grande de pessoas. Foi uma das experiências de maior humildade da minha vida receber tanto amor, ajuda, sabedoria e conselho. É bem possível que não poderei retribuir o que essas pessoas me deram. Só posso dizer como o salmista que as divisas caíram para mim em lugares agradáveis.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Crossway, em especial a Justin Taylor e Todd Augustine, pelo seu encorajamento e pela amizade. Minha amiga Lydia Brownback foi fundamental ao me encorajar a encarar esse projeto.

As ideias neste livro surgiram de muitos livros, artigos e conversas. Quero agradecer a Matt Smethurst por sua mentoria e amizade. Collin Hansen, Ivan Mesa, Jake Meador e Tim Challies desempenharam um papel enorme na minha vida profissional e intelectual, e sou profundamente grato pela ajuda e pelo apoio de cada um. Karen Swallow Prior leu este manuscrito em tempo recorde e me deu feedbacks que foram transformadores.

Tenho uma profunda gratidão por Nicholas Carr, cujo livro *The Shallows* eu terminei de ler em apenas uma noite do verão passado no terraço dos meus sogros. Eu soube imediatamente que essa obra teria um significado importante na minha própria vida.

O manuscrito não existiria sem a hospitalidade concreta de muitas pessoas que me ofereceram hospedagem para finais de semana gastos em escrita e serviço. Joe e Judy McHugh me receberam em

sua bela casa, e alguns dos melhores momentos de escrita aconteceram lá. Jordan Woodie e algumas pessoas da igreja Coral Hill Baptist Church forneceram graciosamente um escape que provou ser crucial. Essa gentileza é mais do que eu posso retribuir com palavras.

Por fim, a minha família. Meus sogros Chuck e Kim Potts são os melhores “vovô e vovó” que alguém poderia ter. Sou extremamente grato por cada dia com vocês. Meus cunhados Sam Emadi e Dan Maketansky são fontes constantes de fortalecimento e graça, e minhas irmãs Corrie Ann e Rebecca foram minhas primeiras amigas neste mundo, e continuam duas das melhores que eu tenho. Mamãe e papai fizeram sacrifícios incalculáveis; no entanto, mais do que tudo, cercaram minha vida (e este livro) com orações. Eu conheço a Jesus Cristo por causa deles.

Charlie, Ruthie e Wesley: vocês são meu orgulho e alegria. Obrigado por aguentarem minha ausência durante os finais de semana e noites muito longas, mas, acima de tudo, obrigado por serem os presentes mais belos que eu já recebi.

Minha amada Emily: meu coração está unido a você até a eternidade. Obrigado por sua ajuda, seus sacrifícios, suas palavras incansáveis de amor e encorajamento. “O que eu faria sem você?”.

Introdução

O que a web significa para nossa vida espiritual

Eu criei minha primeira conta no Facebook no verão, após ter concluído o Ensino Médio. Como muitas outras pessoas, comecei a usar o site porque meus amigos já estavam lá, e a última coisa que você quer fazer no Ensino Médio é ficar de fora do que todo mundo está fazendo. Fiz o login, enviei pedidos de amizade rapidamente para Andrew e alguns outros rapazes da minha classe, e presumi que essa coisinha ingênua resultaria em algumas poucas horas de diversão social, e talvez seria uma maneira de me manter em contato com alguns colegas de classe que estavam saindo do estado para cursar faculdade.

Em outras palavras, eu não estava totalmente preparado para o feitiço que o Facebook lançaria sobre mim.

A fisgada foi quase instantânea. Levou apenas algumas semanas até que eu estivesse checando compulsivamente o Facebook tantas vezes quanto possível para ver se alguém havia respondido meus pedidos de amizade (ou melhor ainda, se alguém tinha me enviado algum!). Mesmo depois de adicionar uma dúzia de amigos, o ato de observar os perfis (brincando, costumávamos chamar isso de “stalkear”) começou a ocupar períodos cada vez maiores do meu dia. No começo, antes de existir o botão de curtida, se você quisesse que as pessoas que você conhecesse curtissem sua foto de perfil ou um status engraçado, você tinha que fazer um comentário.

As notificações de comentários se tornaram uma fonte delirantemente intensa tanto de satisfação quanto de ansiedade. De alguma forma, uma adolescência inteira de insegurança, paixões, ambição e identidade ficou comprimida e contida em um quadradinho vermelho e pixelado no canto superior do computador da nossa família.

É provável que uma história como essa toque profundamente muitas pessoas. E se fosse só isso, talvez não passasse de uma lembrança nostálgica, carregada de afeto, um pedaço da cultura pop da qual todos parecemos ter compartilhado por alguns anos durante o governo Barack Obama. Mas não é só isso.

Como a de muitos outros, minha história não termina com alguns anos indefinidos de uso do Facebook seguidos por uma vida adulta que abandonou os algoritmos. Ao contrário, minha primeira conta do Facebook no verão de 2007 foi o começo de uma forma de vida que era completamente alheia à realidade dos meus pais. Conforme os anos iam passando, o Facebook passou por mudanças de interface, mas o que não mudou foi o quanto a mídia digital havia se tornado central em minha vida cotidiana. Em vez de ser um passatempo que eu deixava guardado para usar de vez em quando durante o tédio da minha vida offline, minha atividade online se tornou a coisa mais constante, regular e habitual a meu respeito.

Eu ia para a escola, voltava para casa e ficava um tempo rolando o feed do Facebook. Algumas horas na igreja no domingo eram seguidas por diversas horas de leitura de e-mails, mensagens instantâneas e (mais tarde) vídeos no YouTube. Ao longo dos anos, a centralidade da internet social foi se consolidando cada vez mais para mim, pessoalmente, e também, aparentemente, para todos os outros. Blogs e tuítes passaram a ocupar uma enorme porcentagem da minha leitura; tornou-se muito mais provável eu enviar mensagens de texto do que telefonar, mesmo para familiares. A transformação na sociedade em geral se tornou evidente à medida que eu

ficava mais velho, pois quase todos os meus conhecidos começaram a falar sobre “jejum” de mídias sociais ou sobre olhar com menos frequência para telas como resoluções de Ano Novo.

Em questão de poucos anos, passamos de uma empolgação geral para experimentar essas tecnologias a um desespero para fugir de alguma forma (nem que fosse por um tempo).

Essa é uma história que muitos na casa dos trinta anos conhecem bem. Mas existe um outro lado dessa história sobre nosso relacionamento com a tecnologia digital, e se trata muito mais do que nosso gasto de tempo com ela. Esse outro lado da história é a respeito de como essas tecnologias formam e moldam. É sobre o que significa sermos humanos, criados à imagem de Deus, cujas vidas estão cada vez sendo vividas por meio de telas, algoritmos e pixels. E se a realidade que precisamos enfrentar não for tanto sobre como nós utilizamos e amamos excessivamente uma ferramenta útil, mas sobre o que acontece quando uma ferramenta passa a ser mais do que isso? E se o problema não for o fato de que não estamos fazendo a internet mais humana, e sim que a internet está nos tornando menos humanos?

O que é água?

Em 2005, o Kenyon College convidou o escritor David Foster Wallace para um discurso de formatura. Wallace começou o seu discurso para a classe de formandos com uma breve fábula. Dois jovens peixes estão nadando no oceano, e em algum momento um peixe mais velho os cumprimenta. “Olá, rapazes. Como está a água?”. Os dois jovens peixes se entreolham, completamente confusos, e então perguntam: “O que é água?”.

“A moral da história”, explica Wallace, “é simplesmente que as realidades mais óbvias e importantes são muitas vezes aquelas que são

mais difíceis de ver e de discutir”. Essa ilustração, embora também seja boa para arrancar algumas risadas do público, comunica uma verdade profunda. Aquilo em que se está imerso é tomado como algo natural, e o que é tomado como natural não se torna objeto de reflexão. Wallace queria que os formandos do Kenyon College soubessem que a tarefa mais árdua que os aguardava não era “mudar o mundo” ou “fazer a diferença”, mas prestar atenção nas coisas certas:

Vinte anos após minha graduação, passei a entender aos poucos que o clichê que existe no ensino das artes liberais sobre nos ensinar a pensar é, na realidade, um atalho para uma ideia muito mais séria e profunda: aprender a pensar significa, na verdade, aprender a exercer um nível de controle sobre como e o que se pensa. Significa estar consciente o suficiente para escolher aquilo para o qual se dedica sua atenção e como extrair significado a partir da experiência. Pois se você não puder exercer esse tipo de escolha na vida adulta, estará arruinado.¹

Em outras palavras, nós somos o peixe. Nadamos todos os dias nas águas profundas do nosso mundo moderno, boiando em meio a lugares, coisas e ideias do passado que sequer percebemos por serem muito familiares a nós. Tomamos nosso cotidiano como se fosse algo totalmente natural, para o qual não precisamos de explicações — não de forma consciente, mas automática, de modo que raramente pensamos mais profundamente sobre essas coisas que estão mais próximas de nossa vivência. Simplesmente as aceitamos sem ao menos tentar entendê-las, assim como um peixe passa toda uma vida sem sequer saber que o mundo em que ele vive se chama “água”.

¹David Foster Wallace, “This is water”, discurso de formatura (2005), *fs blog*, acessado em 14 de novembro de 2022, disponível em: <https://fs.blog/david-foster-wallace-this-is-water/>.

Ser incapaz de notar ou pensar de maneira refletida sobre algo não muda a estrutura real desse algo. Considerar que algo é natural, de maneira irrefletida, não diminui a sua importância, assim como viver em um abrigo subterrâneo não escurece o sol. O que Wallace estava tentando dizer em seu discurso aos formandos do Kenyon College é que nossa capacidade — ou incapacidade — de realmente enxergar a “água” da realidade ao nosso redor está, no fim das contas, ligada à qualidade de vida que *nós* vivemos. A água está lá; é um fato inescapável. A pergunta central não se trata de saber se vivemos ou não na água, mas se seremos capazes de vê-la da forma como deve ser vista: como água.

Isso é água

Como a internet das redes sociais passou a dominar e reorientar nossa vida, é difícil imaginar de que formas possíveis ela tem afetado nossas emoções, valores e visão de mundo.² Muitas pessoas que são jovens o suficiente para sentir que utilizam ativamente as mídias sociais não têm idade o suficiente para recordar claramente do que era a vida antes do uso desses meios, enquanto que, muitas vezes, aqueles que se lembram da vida antes das mídias sociais simplesmente não detêm as categorias para sentir o efeito de imersão que elas têm sobre os mais jovens. Além disso, a onipresença da tecnologia digital pode obscurecer sua natureza. À medida que a internet social parece misturar-se à estrutura de nossa vida diária, não nos ocorre que ela pode, na verdade, trazer consigo uma ideologia ou um sistema de valor específicos para nossa vida. Como um peixe na água, essa é a única realidade que conhecemos, e por isso não vemos de maneira clara.

²A primeira vez que ouvi o termo “internet das redes sociais” foi com meu amigo Chris Martin. Veja seu livro *Terms of service: the real cost of social media* (Nashville: B&H, 2022).

Nos últimos anos, teólogos cristãos e outros estudiosos têm descrito, especificamente no Ocidente, a geração que está entrando na fase adulta como uma geração moldada pelo espírito do “individualismo expressivo”. O acadêmico Robert Bellah define o termo desta maneira: “A ideia de individualismo expressivo sustenta que cada pessoa tem um núcleo singular de sentimento e intuição que deve se desenvolver ou ser expressado para que a individualidade seja concretizada”.³ Em outras palavras, a maioria das pessoas no mundo moderno e secular acreditam que a chave para felicidade, realização e busca por sentido na vida é organizar as coisas de modo que suas ambições e desejos internos possam ser totalmente alcançados. Se esses desejos e ambições por acaso se alinharem aos da comunidade ou da religião respectiva, ótimo! Mas se não for o caso, então é a comunidade ou a religião que devem ser mudadas ou eliminadas. De acordo com o individualismo expressivo, o centro de gravidade da vida é o *self*.⁴

Em seu livro *Rethink yourself*, Trevin Wax descreve essa visão de mundo como um apelo para “olhar para dentro de si”: espreitar seus próprios desejos e senso de identidade para encontrar um sentido na vida. Ele escreve:

Uma abordagem de vida que enfoca “olhar para dentro de si” significa que seu propósito é olhar para dentro de si mesmo de

³Robert Bellah, citado em Carl Trueman, “How expressive individualism threatens civil society”, *Heritage Foundation*, 27 de maio de 2021, disponível em: <https://www.heritage.org/civil-society/report/how-expressive-individualism-threatens-civil-society>.

⁴Embora *self* possa ser traduzido como “eu”, preserva-se aqui o sentido conceitual que identifica a visão moderna do indivíduo, marcado pela primazia da interioridade na identidade, a afirmação da vida cotidiana e o reconhecimento da natureza como fonte moral interior. Cf. Charles Taylor, *As fontes do Self: a construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 2013).